

QUE GEOGRAFIA PARA O PRÓXIMO MILÉNIO?

Luís Miguel da Vinha*

A par do necessário agradecimento ao Instituto de Estudos Geográficos (IEG), da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (FLUC), pelo convite dirigido à Associação de Futuros Geógrafos de Coimbra (AFG) para participar no Colóquio «Coimbra no virar do Milénio», temos que realçar o estímulo que tal convite para nós representou. Após dois anos de trabalho associativo, com inerentes dificuldades logísticas de concretização e divulgação, obtivemos um importante reconhecimento institucional das acções entretanto desenvolvidas, bem como a consideração pelo empenho que temos demonstrado em cooperar além do âmbito dos nossos associados.

Integrado nas questões sobre o futuro da Geografia, a AFG organizou em Janeiro do corrente ano um colóquio cujo tema, «A Geografia no virar do Milénio», nos proporcionou um contacto próximo com várias perspectivas que se formulam actualmente no debate epistemológico da ciência geográfica. A crítica dos princípios, metodologias e resultados, o valor adquirido no conhecimento estruturado e dinâmico, manifestados por geógrafos de diferentes áreas profissionais, concentraram a nossa atenção/preocupação em itens de obrigatória discussão e que se prolongam na recente cooperação da AFG com o IEG da FLUC.

Nestas preocupações, aglutinadas nos papéis sociais a desempenhar pelo geógrafo, distinguimos três conjuntos essenciais que fundamentam a nossa comunicação: 1- a formação do geógrafo; 2- as novas metodologias e, principalmente, tecnologias aplicadas à Geografia; 3- a relação final com o mercado de trabalho. A formação do geógrafo deverá orientar-se por uma formação especializada em áreas temáticas, por uma formação especializada em sub-disciplinas ou por uma formação geral? As novas tecnologias aplicadas à Geografia, nomeadamente os Sistemas de Informação Geográfica (SIG), deverão ser apropriados como instrumentos (meios) ou como fins em si, quer na fase de formação quer na de desempenho profissional? A relação do geógrafo com o mercado de trabalho deverá manifestar-se num comportamento conformista, passivo, moldado à inércia sócio-económica, ou num comportamento mais activo, transformador e criativo?

Se partirmos da definição que Richard MORRILL (citado de memória) estabelece para a Geografia, a qual nos parece sintetizar toda a sua contemporaneidade, apreenderemos toda a dimensão complexa que aqui se discute:

A Geografia como estudo da organização espacial procura explicar como se estrutura o espaço físico, como o Homem se organizou em sociedade no espaço e como mudam a concepção do espaço e a sua utilização(...).

No interface científico, necessariamente interdisciplinar, onde a Geografia se integra, introduzem-se no campo de investigação geográfica diferentes tipos de conhecimento científico: o inorgânico (das ciências físicas), o orgânico (das ciências biológicas) e o sobre-orgânico (das ciências sociais). A síntese realizada, elaborada através de tentativas de compatibilização, proporciona originalidade, mas também dificuldades de coesão ao estimular a criação de «diferentes escolas de pensamento» (JOHNSTON).

Hoje não será errado em falar em «Geografias» (Derick GREGORY; John AGNEW). Inclusivamente, podemos considerar positiva a existência de múltiplas formas de investigação e trabalho, indutoras de liberdade e originalidade. Todavia, não é benéfico que ocorra um processo de derivação por falta de um mínimo de princípios orientadores e de estratégias coerentemente definidas.

Discutir o futuro implica o envolvimento de todos os geógrafos e não apenas uma pequena elite. Os geógrafos que exercem a função docente no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário, e os estudantes de Geografia do Ensino Superior são uma componente fundamental para o debate, tão importante como os professores do Ensino Superior. Também os geógrafos que exercem funções técnicas no sector público e no sector privado não podem ser alheios à questão do futuro da Geografia. Isolados ou integrados em organizações/instituições sócio-profissionais, os geógrafos dependem muito da sua própria acção. Congregar os diferentes profissionais e futuros profissionais significará atribuir sentido(s) aos processos de formação, aos conjuntos de meios de investigação disponíveis e ao exercício de funções.

Discutir onde queremos estar daqui a dez anos obriga-nos a determinar os campos de investigação e de intervenção a privilegiar. Reclamar espaços próprios na forma-

* Associação de Futuros Geógrafos de Coimbra

ção e no mercado de trabalho não será suficiente. É vital actualmente, mas também se requer a inovação prospectiva para a criação de áreas onde o geógrafo actue e ofereça um contributo social que hoje se encontra «limitado» à educação. Estar atento às evoluções registadas nos centros de desenvolvimento poder-se-ia ter reflectido num aprofundamento das áreas sociais, culturais e políticas da Geografia leccionada na FLUC, por exemplo. Qual o papel que desempenhamos na sociedade, quantos geógrafos devemos formar, para que nichos de mercado de trabalho os devemos orientar, são questões cujas respostas podem ser construídas em encontros como este, desde que se assuma, entre os participantes, um carácter vinculativo às soluções apresentadas.

As associações sócio-profissionais têm aqui um papel importante por constituírem a ponte entre os agentes, os princípios orientadores e as instituições enquadradoras. Têm, ainda, um potencial dinamizador que não pode ser desperdiçado. As suas estruturas, geralmente flexíveis, tornam-as ideais para enfrentar desafios. No entanto, sem maior coordenação inter-associativa, especialmente em torno de estratégias concertadas, e sem maior coordenação com entidades empregadoras não haverá, por um lado, oportunidade dos geógrafos apresentarem o seu leque de possíveis prestações de serviços, por outro, das entidades públicas e privadas conhecerem esse mesmo leque de oferta e dele beneficiarem.

Na constante renovação e inovação dos conhecimentos científicos, as associações podem criar situações de divulgação que não estão ao alcance dos agentes individuais: cursos (de Verão, de fim de semana, etc.), publicações, colóquios com objectivos bem definidos e ambições simples mas precisas, «work shops». Apostar e formar nas mais recentes tecnologias (SIG, por exemplo), como meios de investigação e não como fins em si¹, lançar e

¹Aliás, quanto à AFG, esta questão devia fazer parte do debate epistemológico, embora pareça que muitos geógrafos deslumbrados não estão interessados neste questionamento; outros têm a atitude condenável de uma rejeição que não permite dotar o geógrafo de um útil instrumento de trabalho; outros, ainda, parecem querer orientar a formação de futuros geógrafos para a subordinação aos instrumentos e sua transformação em princípio científico.

debater os temas mais actuais para abandonar atitudes funcionalistas, promover a interdisciplinaridade (e, porque não, logo desde a formação universitária), procurar alternativas ao âmbito da União Europeia (os PALOPs seriam uma ligação privilegiada a explorar, em parte na vertente de formação de quadros técnicos, em parte na vertente de I&D) e, sobretudo, apoiar e divulgar os geógrafos e a Geografia.

O nosso grande problema ainda é a falta de protagonismo. Há que criar referências dentro da própria Geografia que lhe dêem visibilidade interna e externa. Interna como motivação para os próprios agentes da ciência geográfica, externa para que haja elementos que a identifiquem perante os restantes agentes sociais.

Portanto, concluímos que é fundamental uma mudança de atitude. Não podemos continuar a ser uma ciência envergonhada, afundada numa permanente auto-comiseração. A Geografia tem que ser crítica e interventiva, e ser capaz de ultrapassar o problema de diferentes linguagens (HABERMAS) e impor-se na sociedade portuguesa.

Bibliografia

- AGNEW, J., LIVINGSTON, D. e ROGERS, A. (1996) - *"Human Geography - An essential anthology"*, Blackwell, Cambridge.
- CRANG, Mike (1998) - *"Cultural Geography"*, Routledge, London.
- HARVEY, David (1989) - *"The postmodern condition"*, Blackwell, Oxford.
- GREGORY, Derick (1989) - "Areal differentiation and post-modern human geography" in Agnew, J., Livingston, D. e Rogers, A., (1996).
- JACKSON, Peter. (1989) - *"Maps of meaning"*, Routledge, London.
- JONHSTON, R. J. (1978) - "Paradigms and revolution or evolution?", in *Progress in Human Geography*, Nº 2.
- UNWIN, Tim (1992) - *"El lugar de la geografía"*, Cátedra, Madrid.